

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO**

KAROLINA NASCIMENTO DE SÁ MONTE OLIVEIRA

**TEMPERO PALESTINO: PODCAST SOBRE A MIGRAÇÃO PALESTINA NO BRASIL
E PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA CULINÁRIA**

**SÃO PAULO
2025**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO**

KAROLINA NASCIMENTO DE SÁ MONTE OLIVEIRA

**TEMPERO PALESTINO: PODCAST SOBRE A MIGRAÇÃO PALESTINA NO BRASIL
E PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA CULINÁRIA**

Um podcast que apresenta a história da migração árabe-palestina no Brasil, o significado da palavra “palestinidade” e preservação da identidade através da culinária

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração.

Orientação: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

**SÃO PAULO - SP
2025**

AGRADECIMENTOS

Esse feito é a conquista da luta de muitas pessoas, todos aqueles que me antecedem. Agradeço ao meu avô, José de Sá, por me incentivar em cada sonho meu desde que eu era apenas um bebê e dormia em seus braços. Por financiar meus caros estudos durante muitos anos e, lá atrás, pavimentar o caminho intelectual que me levou até a USP. Agradeço a minha avó, Tide Nascimento, por mostrar que lutar pelo acesso à educação é uma das formas mais gratificantes de se alcançar a liberdade. Agradeço às minhas tias, Kelly e Keity Monte, que, de alguma forma, me mostraram o potencial que o ensino e a ajuda ao próximo podem trazer não apenas para o bem individual, mas também o bem comum.

Agradeço, sobretudo, a minha mãe, Keila Monte que, entre muitos sacrifícios, privações e batalhas, me criou para ser uma pessoa doce, educada, sensível, solidária, batalhadora e firme nos meus princípios. Espero ser um pouquinho de cada um dos elementos.

Muito obrigada também a minha Lulu, por me mostrar que o amor pode ser tão belo como uma tarde de primavera quentinha. E por aguentar minhas mudanças de humor, minha falta de fé em mim mesma, e, mesmo assim, me acolher sempre com um abraço.

Agradeço também ao meu orientador, Luciano Maluly, por me guiar neste e em muitos outros trabalhos que sempre vou me orgulhar de ter feito. O Maluly foi meu mestre desde o primeiro mês desta graduação.

Queria agradecer a todos os amigos maravilhosos que tenho: Vinicius, Mariana, Matheus Nistal, Thiago Campolina, Renato Brocchi, Natasha Teixeira, Mara Matos, e tantos outros. Levo todos vocês no meu coração para sempre.

Queria tomar a liberdade do espaço para agradecer a mim mesma; por, um dia, acreditar em todas as pessoas que me criaram, principalmente minha mãe, e ousar acreditar que a USP é também o meu lugar. Eu também pertencço.

RESUMO

O podcast pretende elucidar como se deu o processo da migração palestina para o Brasil, movida, também, pelo genocídio que ocorre em terras palestinas há 77 anos. O trabalho também explica as conexões desse movimento de migração com a própria onda migratória árabe no final do século XIX — uma das mais proeminentes no processo migratório brasileiro, e a única que ocorreu sem planejamento ou suporte do Estado brasileiro. Além disso, explica o que significa o sentimento de “palestinidade”, intrínseco a todo e qualquer palestino, onde quer que ele tenha nascido ou esteja no mundo. O trabalho também interliga o reconhecimento identitário da comunidade brasileira-palestina com a preservação dos costumes e tradições culinárias, passadas durante milênios de existência do povo palestino para as gerações contemporâneas, e como a alimentação é um tópico essencial na construção de situações de socialização e pertencimento como um só povo. Por fim, o projeto pretende conectar todos os elementos apresentados, que fazem parte da formação da identidade palestina como um instrumento contra a limpeza étnica perpetrada na Faixa de Gaza e em toda a Palestina e demonstrar como tradições e culturas arraigadas é parte da memória de um todo povo.

Palavras-chave: Palestina, migração palestina, migração árabe, migração palestina no Brasil, culinária palestina, culinária árabe, comidas palestinas, identidade, palestinidade

ABSTRACT

This podcast aims to elucidate the process of Palestinian migration to Brazil, which has also been driven by the genocide that has been occurring in Palestinian lands for 77 years. The work also explains the connections between Palestinian migration and the broader wave of Arab migration in the late 19th century—one of the most prominent in Brazil’s migratory history and the only one that occurred without planning or support from the Brazilian state. Additionally, it explores the meaning of the sense of Palestinian identity [palestinidade, in Portuguese], intrinsic to every Palestinian, no matter where they were born or where they are in the world. The work also links the identity recognition of the Brazilian-Palestinian community with the preservation of culinary customs and traditions, passed down through thousands of years of Palestinian existence to contemporary generations, and how food is a key topic in building socialization and belonging as one people. Finally, the project seeks to connect all these elements, which are part of the formation of Palestinian identity, as a tool against the ethnic cleansing perpetrated in the Gaza Strip and across Palestine—demonstrating how deep-rooted traditions and cultures are part of the collective memory of an entire people.

Keywords: Palestine, Palestinian migration, arab migration, Palestinian migration in Brazil, Palestinian culinary, arab food, Palestinian foods, identity, Palestinian identity

FICHA TÉCNICA

Título do podcast: Tempero Palestino

Duração: 27min00s

Ano: 2025

Concepção: Karolina Monte

Produção: Karolina Monte

Roteiro: Karolina Monte

Edição: Karolina Monte

Apresentação: Karolina Monte

Entrevistas: Barbara Caramuru, Ualid Rabah, Patricia El-Moor, Hasan Zarif, Lidah

Locuções adicionais: Douglas Matos

Orientação: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

SUMÁRIO

1.0) INTRODUÇÃO

2.0) OBJETIVO

3.0) METODOLOGIA

4.0) ENTREVISTADOS

5.0) BLOCOS

6.0) REFERÊNCIAS

7.0) APÊNDICE

1.0) INTRODUÇÃO

No final do ano de 1947, a Assembleia Geral da recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a Resolução 181, em que se dizia favorável à partilha da Palestina, através da criação de um Estado judeu e um Estado palestino, após o fim do mandato britânico em terras árabes, em maio de 1948.

O movimento sionista, que já vinha ocupando ilegalmente as terras palestinas através do incentivo de violências perpetradas por movimentos paramilitares, criação de assentamentos ilegais, entre outras ferramentas de tomadas violentas de terras (como o Plano Dalet, criado por David Ben-Gurion e o grupo paramilitar Haganah), proclamou a criação do Estado de Israel em 1948. Em maio do mesmo ano, deu-se início à “Nakba”, que em português significa “a catástrofe” ou “o desastre”.

Durante a Nakba, 750 mil palestinos foram expulsos violentamente de suas terras, hoje conhecidas como terras israelenses. Muitos deles iniciaram um processo de migração forçada para outros países, onde levaram familiares, amigos, conhecidos de suas aldeias. Entre esses países está também o Brasil, que comporta, atualmente, cerca de 200 mil palestinos e seus descendentes, segundo dados de 2019 da Federação Árabe-Palestina do Brasil (FEPAL).

A maior parte da comunidade palestina que veio para o Brasil chegou depois da própria Nakba. Mas o processo migratório palestino-brasileiro começou ainda durante o Império Otomano, no final do século XIX, quando os países árabes ainda eram províncias do Império, e está intimamente ligada ao próprio processo migratório árabe no Brasil, que recebeu, em sua grande maioria, populações sírias e libanesas, e, em uma terceira fatia, populações palestinas.

Ao contrário de processos migratórios massivos que estavam ocorrendo no Brasil, como a chegada de italianos, espanhóis e portugueses - que envolvia um planejamento prévio do Estado, com o intuito de “embranquecimento” da população brasileira, a onda migratória árabe foi parte de um processo espontâneo de chegada de migrantes, mas permitida pelo governo sob a justificativa de acesso à tal “limpeza de cor” que o Estado almejava para a composição da população brasileira.

Atualmente, estima-se que a população árabe no Brasil seja formada por 11,6 milhões de pessoas, segundo dados da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira.

Especificamente sobre a população palestina no país, os migrantes, inicialmente, se estabeleceram em cidades e regiões de maior movimentação, como São Paulo e Recife, e, com o tempo, foram se deslocando para cidades do interior e de outras regiões do país, como Manaus, na região Norte e Chuí, no Sul. Atualmente, as maiores comunidades estão localizadas nas cidades de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, e Recife, em Pernambuco.

Mesmo passadas algumas gerações dos migrantes iniciais que vieram para Brasil, a população árabe-palestina e brasileira-palestina, também se identificam como palestinos, mesmo sendo também brasileiros. Assim, como os países árabes no período otomano não tinham uma formação política, a Palestina, até hoje, não possui um Estado - apesar de sua criação ter sido autorizada pela Resolução da Partilha feita pela ONU - e tem suas terras constantemente invadidas e colonizadas por Israel.

Portanto, a forte ligação dos brasileiros-palestinos com a terra natal não é de origem política, mas sentimental e cultural. E a população o faz através da forte preservação dos costumes e tradições; característica que identifica qualquer palestino em qualquer lugar do mundo.

Esse sentimento de pertencimento, identificação, de tradições distintas, de possuir uma terra de origem, uma terra para a qual retornar, faz parte do sentimento chamado “palestinidade”. A “palestinidade” é o que move todos os palestinos rumo ao sentimento de libertação da Palestina, do direito de ir e vir e de ser um povo livre. O bordado tatreez, as comidas tradicionais palestinas (hommus, falafel, o tempero zaatar), a dança dabke - todos esses aspectos culturais são elementos que compõem a “palestinidade” do povo palestino.

2.0) OBJETIVO

O objetivo deste podcast é, primeiramente, informar sobre o processo de migração árabe-palestina no Brasil, desde a vinda de migrantes durante o Império Otomano, até a chegada pós-Nakba, em 1948. Para isso, serão apresentados o contexto histórico da migração, a chegada e adaptação dos árabes-palestinos em terras brasileiras e a confluência entre as culturas brasileira e palestina.

O projeto também pretende entender o que significa o sentimento de “palestinidade” relatado por muitos brasileiro-palestinos, e como ele está intimamente conectado com a

preservação das tradições culinárias palestinas no Brasil e com a preservação da memória de todo um povo.

Por fim, o trabalho enlaça todos os tópicos apresentados com a história do restaurante Al Janiah, e como o local também é uma ferramenta de preservação da memória palestina e da luta por um mundo mais justo e digno.

3.0) METODOLOGIA

Foram realizadas duas abordagens para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, a coleta de dados e materiais teórico-históricos, que pudessem basear solidamente o podcast: a chegada dos árabe-palestinos, contexto histórico na região do Oriente Médio entre os séculos XIX e XX, número de migrantes que vieram, os motivos pelos quais vieram, sua atuação dentro do comércio, o contexto que permitiu que Israel perpetrasse a Nakba sobre a população palestina, a influência da Grande Catástrofe na diáspora palestina para o Brasil.

Após coleta de materiais para a base teórica e entendimento do assunto, a segunda abordagem foi colocada em prática, através da coleta de testemunho empírico de estudiosos/especialistas nos tópicos que pretendiam ser relatados no projeto (explicitados em “2.0 OBJETIVO”). Para isso, foram entrevistadas figuras de autoridade palestinas, pesquisadores em antropologia com foco em população palestina no Brasil, pesquisadores de sociologia com foco em pesquisas sobre tradições culinárias e, acima de tudo, foram ouvidos palestino, por meio de visitas presenciais ao Al Janiah.

Após as duas abordagens, os materiais coletados foram transcritos e utilizados para elaboração do roteiro do podcast - roteiro, este, que pudesse abarcar tanto a forma narrativa de relatos, comum aos podcasts - quanto o testemunho dos diversos entrevistados.

Por fim, foram produzidas a locução e edição do programa, para entrega de um produto final.

4.0) ENTREVISTADOS

Este programa reuniu entrevistas de: Barbara Caramuru, Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e autora dos livros “Palestina: Manual da

Ocupação” e “Palestina em Movimento: A diáspora a partir de um olhar interseccional”; Ualid Rabah, presidente da Federação Árabe-Palestina (FEPAL), Patrícia El-Moor, Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) através da tese “Alimentação, memória e identidade árabes no Brasil”, Hasan Zarif, brasileiro-palestino e proprietário do restaurante Al Jannah e Lidah, cozinheira do Al Jannah.

5.0) BLOCOS

O trabalho foi dividido em seis blocos, interligados entre si, para melhor compreensão da narrativa que se deseja. São eles:

- A) Contexto histórico;
- B) Migração árabe-palestina para o Brasil;
- C) Identidade palestina;
- D) A importância da tradição culinária;
- E) Preservação da memória;
- F) A história do Al Jannah

6.0) REFERÊNCIAS

- MASALHA, Nur. Palestina: Quatro Mil Anos de História. 1. ed. [S. l.]: MEMO, 2023. 566 p.
- PALESTINA: Manual da Ocupação. 1. ed. [S. l.]: Canal 6, 2024. 95 p.
- CARAMURU, Barbara. Palestina em Movimento: A Diáspora a Partir de um Olhar Interseccional. 1. ed. [S. l.]: Appris, 2024. 285 p.
- PAPPE, Ilan. Brevíssima História do Conflito Israel-Palestina. 1. ed. [S. l.]: Elefante, 2025. 175 p.

- ALZOUBI, Ahmad. Diáspora Palestina na América Latina. 1. ed. [S. l.]: MEMO, 2025. 264 p.
- ABU SAIF, Atef. Quero Estar Acordado Quando Morrer: Diário de um Genocídio em Gaza. 1. ed. [S. l.]: Elefante, 2024. 340 p.
- SAID, Edward. A Questão da Palestina. 1. ed. [S. l.]: Unesp, 2012. 368 p.
- CARAMURU, Barbara. Entrevista concedida a Karolina Monte. São Paulo. Abr. 2025.
- ABU SAIF, Atef. Entrevista concedida a Karolina Monte. São Paulo. Out. 2024.
- RABAH, Ualid. Entrevista concedida a Karolina Monte. São Paulo. Maio 2025.
- EL-MOOR, Patrícia. Entrevista concedida a Karolina Monte. São Paulo. Maio 2025.
- ZARIF, Hasan. Entrevista concedida a Karolina Monte. São Paulo. Maio 2025.
- LIDAH. Entrevista concedida a Karolina Monte. São Paulo. Maio 2025

7.0) APÊNDICE - ROTEIRO DO PROGRAMA

TEC sobe som música palestina

- + A memória é o bem mais precioso que nós temos
- + É o que nos ajuda a aprender sobre o mundo, sobre as pessoas, sobre as relações, sociedades
- + A memória é parte da nossa história como indivíduos e como humanos
- + A memória e o conhecimento dos nossos antepassados, de quem veio antes da gente, é o que nos faz ter certeza do rastro que deixamos aqui na Terra ao longo de milhares e milhares de anos
- + A memória é o que nos faz ter identidade
- + E por isso eu estou aqui pra conversar com você, ouvinte, sobre preservação da memória de um povo. O povo palestino.
- + E mais especificamente os palestinos que vivem aqui no Brasil
- + E como essa memória também é lembrada através da culinária
- + **Eu sou Karolina Monte e esse é o TEMPERO PALESTINO NO Brasil**

TEC música palestina

- + Em outubro de 2024, eu tive o prazer de entrevistar o escritor palestino Atef Abu Saif

- + E uma das coisas que ele me disse foi que a guerra na Faixa de Gaza é uma guerra contra a memória
- + Tem um trecho do livro do Atef, “Quero Estar Acordado Quando Morrer”, que explica bem o que ele quis dizer:

LOC - trecho de livro (por Douglas Matos)

No próximo ano, espero que minha inscrição do sabonete nabulsi também seja aceita como Patrimônio Imaterial Cultural na UNESCO. Coisas como essas podem parecer frívolas num primeiro momento, mas são parte da identidade de um povo e daquilo que é ameaçado, e potencialmente perdido, quando ocupações ou guerras expulsam repetidamente as pessoas de sua terra.

A dabke é parte de qualquer cerimônia de casamento na Palestina. Palestinos em qualquer lugar do mundo - mesmo os descendentes dos palestinos que emigraram para a América do Sul em meados do século 19 - ainda dançam dabke nas festas de casamento e em outras comemorações.

- + No Brasil, e em toda a América do Sul, a migração palestina começou já no final do século 19, dentro da própria onda migratória árabe
- + Essa primeira onda perdurou até as primeiras décadas do século 20
- + Os imigrantes árabes eram majoritariamente sírio-libaneses e predominantemente cristãos

SON PATRICIA EL-MOOR 1

[16:18]

Muitas vezes o português vai tomando lugar do árabe nessas famílias e o que a gente percebe que se mantém é a comida.

- + Os palestinos que vieram pra cá eram de regiões diferentes da Palestina ocupada
- + A grande maioria veio da Cisjordânia, com maioria da região de Ramallah
- + Também vieram palestinos de Jenin, Nablus, Hebron e da região de Belém
- + E poucos vieram de Gaza
- + Segundo o historiador Jeffrey Lesser, é bastante difícil quantificar com precisão os palestinos que vieram ao Brasil nesta época, por que os árabes-palestinos que chegavam, tinham passaporte do império otomano, e eram genericamente chamados de turcos
- + Os palestinos que vieram nesta época também eram cristãos, uma minoria religiosa dentro do império otomano
- + Até então, as minorias religiosas não podiam servir ao exército otomano
- + Mas isso muda com a crise do império, a Primeira Guerra Mundial, e a necessidade de mão de obra militar
- + A lei que garantia a isenção das minorias religiosas é alterada e o alistamento obrigatório começa a valer para todos os homens residentes em territórios sob o

comando otomano, o que incluía o que atualmente conhecemos como a Síria, o Líbano e as terras palestinas

- + Os que podiam bancar uma viagem pra outro país, como o brasil, iam para o exílio
- + O presidente da federação árabe-palestina no brasil, a Fepal, é presidida pelo Ualid Rabah, que contou como a imigração dos países árabes se encontrou com o processo de chegada de migrantes europeus no brasil

SON UALID RABAH 1

[21:59]

Eh, e foi uma política de imigração muito antiga, que visou, dentre outras coisas, aquilo que é denominado de branqueamento da sociedade brasileira, nos processos, inclusive, de colonização, por abertura de glebas agrícolas e outras coisas mais. Isso não aconteceu para os árabes de um certo modo.

[22:23] Os árabes vieram aqui dentro de outros fluxos ainda que mais ou menos planejados, mas se enfiaram no comércio. Então nunca houve de parte do estado brasileiro uma política de fixação de imigração vinda do mundo árabe. E para os palestinos também não houve.

- + Ou seja, os imigrantes árabes não eram bem-vindos, mas conseguiam acessar uma ideia de branquitude almejada pelo Estado brasileiro
- + E, por isso, acabaram entrando como imigrantes secundários na política migratória do país
- + A voz que você vai ouvir agora é da Patricia El-Moor, coordenadora cultural do instituto de cultura árabe brasileira, o ICÁrabe, e pesquisadora sobre a relação entre memória e identidade nos hábitos e tradições culinárias árabes no Brasil

SON PATRICIA EL-MOOR 2

[03:00] Boa parte dos imigrantes naquele momento vinha por acordos entre brasil e outros países.

[03:17]

Isso aconteceu com a Itália, com o japonês, com a Alemanha e tudo mais. E com os árabes, vamos falar árabes, mas lembrando que a gente está falando de um perfil muito específico, né? A gente tem aí a grande maioria de libaneses, a gente tem sírios e a gente tem numa menor proporção palestinos.

[03:42]

Mas a gente tem um perfil específico, vai acabar sendo chamado num primeiro momento de turco por conta daqueles passaportes, né, de entrada, depois de uma forma mais abrangente árabes, eles tiveram um processo diferente desses imigrantes que vieram de outros países.

[04:00]

Então, como característica, a gente tem o fato de que foi uma migração espontânea, não foi negociada, né, com os seus países de origem

- + A ideia de prosperação econômica é explicada pela Barbara Caramuru, doutora em antropologia e autora do livro "Palestina em movimento" que busca entender o processo palestino-migratório no Brasil e no Chile
- + A Barbara explicou que a partir da década de 1940, com o endurecimento da política de ocupação israelense no território palestino, o cenário da migração palestina no Brasil é bruscamente alterado

SON BARBARA CARAMURU 1

[05:30] Essas pessoas vêm com uma ideia de prosperidade econômica, de sair, então, de uma zona de guerra, né?

Speaker 2 - 0:05:46

De ataque, de colonização e genocídio. No caso da Palestina, ali, pós-48, 40, pós-década de 40, né? Que é onde começa uma truculência maior com Ben-Gurion no poder. Antes, ainda, né? Do estado de Israel. Mas, ali, essas ondas começam, né?

Speaker 2 - 0:06:04

Esse endurecimento da política de ocupação na década de 40. Isso vai fomentar a imigração, principalmente, 48.

- + Em 15 de abril de 1948 acontece dentro do território palestino a NAKBA

SON BARBARA CARAMURU 2

0:02:40

O que que é a Nakba? Quando, em 1948, teve essa autoformação do estado de Israel e, a partir disso, então, a Nakba é a catástrofe, né, que foi onde, com a instauração desse estado, houve a limpeza étnica do povo palestino./

- + Durante a Nakba, 750 mil pessoas foram expulsas de seu território
- + Esse êxodo forçado também foi responsável por um movimento maior de migração para a América Latina

SON UALID RABAH 2

[03:45] Parte da presença palestina no Brasil acontece pós-Nakba, após a grande catástrofe da grande limpeza étnica a vida na Palestina de dezembro de 47 a novembro de 51 momento no

qual o sionismo se autoproclama estado na palestina, em 14 de maio de 48, se autodenomina israel, tomando 78% da palestina histórica.

[04:38]

Quando acontece esse processo de limpeza étnica, ele atinge a totalidade da demografia palestina por igual. Como a demografia palestina é majoritariamente muçulmana, então ele provoca êxodo igualmente na população e é claro que portanto o movimento demográfico para fora da palestina é majoritariamente muçulmano.

[05:07]

E é somente após a Nakba que um fluxo muito grande de palestinos vem para o brasil.

TEC - vinheta de meio

- + O Ahmad Alzoubi é professor de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Lusail, no Catar e diretor do site de notícias Monitor do Oriente Médio
- + Em um trecho do seu livro de doutorado “Diáspora Palestina na América Latina”, ele explica um pouco como eram as primeiras gerações que vieram para cá

LOC - trecho do livro (Douglas Matos)

“Os palestinos da diáspora procuraram manter sua identidade por diferentes meios, e os da primeira geração trabalhavam como mascates nas cidades e vilas do Brasil”

- + Muitos dos imigrantes palestinos que vieram pro Brasil antes e depois da Nakba tinham um perfil muito parecido entre si: homens, jovens, solteiros

- + E é aí que surgem os MASCATES

SON PATRICIA EL-MOOR 3

[06:05]

Eles começaram a perceber que havia uma espécie de possibilidade aí de negócio de colocar outras coisas é, numa, né, numa mala, né, nessas caixas maiores, é, botar nas costas de um burrinho e levar para o interior e daí a figura do mascate, que ele levava não só tecido, mas um pouco de coisa de armarinho, é, novidade coisas que chegavam nas grandes cidades e que no interior não tinha.

[06:47]

E essa figura do Mascate, ela se torna muito associada a esses árabes porque eles eram essas pessoas que digamos topavam, né, fazer essa viagem aí pelo interior do Brasil e vender esses itens que muitas vezes faltava no interior.

SON PATRICIA EL-MOOR 4

[08:15]

Então, diferente de outros fluxos migratórios que foram especificamente para algumas regiões para trabalhar na lavoura, o árabe, ele não vai para lavoura, embora nos seus países de origem, eles fossem trabalhadores do campo, mas eles vinham para trabalhar nas grandes cidades, no comércio, até porque o comércio dava aquela possibilidade de receber um dinheiro, acumular um dinheiro num espaço menor de tempo.

muitas vezes ou para voltar, ou para trazer a família, ou para ficar mandando esse esse dinheiro para ajudar a família que ficou.

- + Como os árabes-palestinos acabaram trabalhando no comércio, pra conversar com os clientes eles tiveram que aprender o português muito rápido, e também os costumes brasileiros, por uma questão de adaptação
- + Claro que, dentro de casa, das mesquitas e dos encontros que aconteciam, todos conversavam em árabe, mas a identidade como povo palestino sempre se manteve

SON UALID RABAH 4

[28:05] no caso palestino, o que marca a identidade palestina é fundamentalmente a luta nacional e sua limpeza étnica, o seu holocausto, ah o seu genocídio, chamada Nakba.

TEC - *estático [troca de vozes]*

SON HASAN ZARIF 1

[16:00]

Não tem Não tem como É um lugar Uma coisa que é arrancada, jogada para um outro, mas não tem, não sai. É que tipo isso, da coisa da minha mãe. Eu não nasci lá, mas meus irmãos nasceram. Então a Palestina sempre foi uma coisa que pertenceu. Então é uma coisa que vai além da questão política e tal. Tem uma É isso e isso tá na gente enraizado porque isso construiu um sangue a luta de muita gente, né? Uhum Que construiu essa história de resistência que a gente acaba olhando, conhecendo, admirando e carregando junto

- + Esse que falou agora é o Hasan Zarif

HASAN 1.2

[18:20] O tempo inteiro a gente tem essa coisa de pertencimento à Palestina. Mas também o Brasil é um lugar que a gente cresceu, é um lugar que me move também, pô. Toda essa tudo o que acontece aqui e tal.

[18:39]

E eu acho que, cara, como Palestina é assim, você se torna essa coisa do exílio e tal, você se torna parte do mundo, né?

- + Esse que falou agora é o Hasan Zarif
- + Ele é brasileiro-palestino, filho de palestinos que vieram pro Brasil no final dos anos 1960
- + Ele abriu o Al Janiah em 2016, um restaurante de comida palestina no bairro do Bixiga, no centro de São Paulo
- + O que ele retratou na fala dele se chama PALESTINIDADE

SON UALID RABAH 5

[28:35]

Então, a identidade palestina no Brasil é fortemente marcada pela necessidade de libertação nacional, pela necessidade de libertar a Palestina num processo de luta existencial, até porque a esmagadora maioria dos palestinos que estão no Brasil, tem parentes lá, sofrendo as consequências do projeto colonial, genocídio de apartheid israelense.

- + O bordado tatreez, a dança dabke, o lenço keffiyeh, e tantas outras características, fazem parte desse sentimento
- + E as tradições culinárias também são parte desse vínculo identitário

SON UALID RABAH 6

[32:10]

Fazer um encontro e comer a comida típica significa resistir à israelização desses pratos.

- + O que o Ualid chamou de israelização de pratos se refere a algumas ações de apropriação da cultura palestina, principalmente na culinária

SON UALID RABAH 7

[32:28]

A macluba, o hommus, o falafel, o bordado palestino, o tatriz que tá sendo seqüestrado, tudo isso é elemento de resistência.

- + A Patricia El-Moor também explica o que significa a tradição culinária para o povo árabe

SON PATRICIA EL-MOOR 5

[13:54] a gente percebe que a alimentação para o árabe e aí para o palestino também, ela é muito importante porque muitas das coisas da vida social desses povos acontece em torno da de uma mesa

[14:22]

Eh, então, por exemplo, eh datas importantes, celebrações religiosas, celebrações sociais, sempre a comida tá envolvida.

[14:47]

A gente tem eh os casamentos, eh outras datas importantes, aniversários, várias datas importantes, são celebradas sempre com muita comida. O árabe é conhecido por isso, né? Pela sua fartura, é, por exemplo, vários países árabes, é é uma forma de você receber um convidado à sua casa e mostrar que você é um bom anfitrião, é oferecendo muita comida para essa pessoa, variedade de comida.

[15:17]

Então, é uma coisa que eles preservaram.

- + Eu perguntei pro Hasan sobre a reivindicação de algumas comidas palestinas como uma criação israelense, como o bolinho de falafel e o zatar, e o que significa essa tentativa de apropriação da culinária árabe-palestina por parte de Israel

SON HASAN ZARIF 2

[23:30] É, cara, o grão de bico é o é o produto que os camponeses palestinos armazenam no inverno. Essa história é sempre contada, né? Então falem do hommus, tudo que é feijão de bico é, cara, é da Palestina

Agora recentemente, a gente tava falando do falafel, o Zatar. O Zatar é colhido há milhares de anos, né, para os camponeses que vive na Palestina, ele nasce entre rochas e você corta todo ano o Zatar, ele cresce no período do ano e você corta ele e deixa raiz que nasce novamente.

- + Em 1977, o Ministério da Agricultura israelense declarou o Zatar uma planta selvagem sob proteção do Estado
- + As colheitas da planta foram rigorosamente reguladas, e camponeses palestinos eram presos e tinham suas casas invadidas se eram descobertos colhendo ou plantando o Zatar

SON PATRICIA EL-MOOR 6

[29:12]

Quando eles apagam isso, é uma forma deles não serem acusados do que eles mesmos fizeram. Então, é como se ao tirar aquilo do povo, aquele povo deixa de existir. Então, é muito importante que não só os palestinos mantenham vivas todas essas memórias, mas eu acho que a gente, o povo árabe

[29:47]

Eu acho que é uma obrigação moral que a gente tem de falar sobre a Palestina, de falar sobre a comida palestina, sobre a música, sobre o dabke, sobre o bordado, falar sobre as oliveiras, sobre o azeite, falar sobre o lenço palestino, eh para que isso não morra. Porque o que eles querem é que isso desapareça.

- + Por isso, uma das formas de não deixar morrer a memória de um povo, é... colocando tempero
- + E falando nisso, ninguém melhor do que alguém que entende de temperar pra falar do assunto
- + Eu conversei com a Lidah, que é uma das cozinheiras lá no Al Janiah
- + **Lá eles servem comidas tradicionais palestinas, como o shawarma, o hommus, a esfíha de zaatar, porções de falafel, além de alguns ótimos drinks autorais**

SON LIDAH 1

[02:45]

Olha, final de semana, dia de feriado lá no Palestina, todo mundo, quase todo mundo faz Makluba e almoça. Dia de feriado, porque essa comida tem que verá ela. uma clube, tem que ver a ela para tem que família inteira. Fica mais bom, mais gostosa. Hora de virar, todo mundo come quente.

SON LIDAH 2

[09:36] A gente Usa bastante tempero. Usa bastante tempero para comida. Mas os mesmos temperos que vocês encontram lá também Não, não é a mesma coisa. É lá melhor.

- + E falando em comida, eu gostaria de contar a história do Al Janiah, que mais do que um restaurante, é hoje um centro cultural aqui em São Paulo
- + Eu perguntei pro Hasan o que motivou ele a abrir um espaço como o Janiah

SON HASAN ZARIF 3

[00:50] então, na real, eu sempre trabalhei na área cultural, ligado à questão palestina, cultural e política. E eu frequentava o ECLA também, vocês conhecem o espaço cultural latino-americano e tal. E cara, eu vi a necessidade de ter um espaço árabe, né, árabe-palestino, porque era uma forma de agregar e trazer, né?

[01:13]

Então, eu fazia o último, eu comecei a colocar cerveja artesanal em casa. E eu fazia umas festas e como eu tenho a questão palestina, eh que é a bandeira que eu carrego e é por isso que eu converso com todo mundo./

[01:40]

Então, eu fazia festa em casa para vender a leva de cerveja que dava 600 50 pessoas.

[02:06]

E aí, eh eu pensei nessa coisa, eu gostava da noite, gosto da boemia, então juntou-se o último agradável. Eu fui atrás de abrir um bar, um bar e restaurante, né? E que tivesse essa possibilidade um pouco parecida com o Ecla de fazer esses debates e, né, trazer para dentro as atividades e fazer essa relação das organizações

[02:37]

Porque isso era uma necessidade que já não era só minha, era uma necessidade da organização dos movimentos de falar que, cara, a gente precisa trazer de volta a questão Palestina, isso tá falando de 2016, né

[03:03]

Então tinha essa necessidade também de relacionar a luta Palestina com a luta internacionalista e dos oprimidos como uma pauta forte

SON HASAN ZARIF 4

[30:31] uma das coisas também que me fez abrir o restaurante era sentir falta da comida palestina e árabe aqui,

[30:58]

E hoje acho que até está mais acessível também, mas a comida árabe pode ser tipo mais só que árabe você, pô, é uma bica, né? Era caro. E a ideia também era criar uma culinária árabe, né, com um preço acessível, né, popular.

+ E de onde veio o nome Al Janiah?

SON HASAN ZARIF 5

[03:15] Aljaniah é o vilarejo da minha família, dos meus pais. Meus pais casaram na Palestina, né, e vieram para cá.

[03:34]

E o E o Vilarejo, ele fica numa região de de Ramala, né, de Ramala e ele é cercado por cinco assentamentos, né? Então, Aljana é o nome que eu cresci a vida inteira, né? Eh, ele tem 2.000 2.000 habitantes, né, hoje e 5.000 fora. E basicamente as duas maiores famílias são do meu pai e da minha mãe, essa vilarejo. Então, tudo que se ouvia, toda a vida deles, a infância e até os 30 anos foi na Palestina. Foi na Aljania. Então, eu conheci o Aljania, eu nasci no Brasil, né?

[04:04]

Meus irmãos nasceram lá. Eu nasci em 67. Então, é, o Aljania é uma coisa que foi presente na vida a vida inteira, assim, até eu conhecer, né? Então, é, é isso. Veio uma homenagem, mas também a a família, que tem a história da não da família, né, da de toda de toda a minha minha origem também é a Palestin a, né, que é o vilarejo da Palestina e e a Aljania, quer dizer, é uma mulher em fúria também, né, que tem um pouco para ver com a né? Também com isso, né? Com a luta contra a pressão e tal.

+ Você acredita que o Al Janiah é mais do que um lugar de alimentação? Qual que é a ideia quando você promove tantos eventos que vão além até da própria causa Palestina?

SON HASAN 6

[07:20]

Então se o Al Janiah virar um lugar de alimentação, a gente fecha.

[07:24]

Não é esse o propósito. Né?

SON HASAN ZARIF 6.1

[08:43]

E, e a gente tenta, a gente passa por várias dificuldades, a gente é um CNPJ, a gente vive num país que tem uma economia, né, ferrada, então a gente vive o tempo inteiro correndo com aluguel atrasado, salário atrasado, tudo atrasado, música atrasada, é um caos. A gente não tem tranquilidade nenhuma, a gente não tem recurso público nenhum, a gente não tem nenhum tipo de ação. Tudo que a gente tem aqui é da venda da cerveja e da comida. Então, a cerveja e a comida é o que mantém, mas o que nos move é a política.

[09:12]

Porque hoje, no mundo que a gente tá vivendo, cara, se a gente não tiver clareza do que a gente quer politicamente, a gente vai ser devorado. Né? E então, principalmente na causa da Palestina, né? Que tem aquela velha história que todo mundo os palestinos repetem, né? A Palestina vai ser livre quando o mundo for livre

TEC - som de musica palestina

- + Culinária, dança, escrita, são testemunhos da existência de qualquer povo
- + E pra que um povo exista, ele também conta com a sua memória, com o seu desejo de pertencimento identitário
- + No caso palestino, é a vontade de ser livre para exercer a sua palestinidade

SON HASAN ZARIF 7

[32:45] o meu filho ninguém mais tira dele. Ele com 11 anos ele foi comigo para a Palestina.

[32:51] Aí a gente ficou 12 horas na fronteira, da Jordânia com a Palestina. Eu fiquei em 6 horas separado dele no interrogatório. 6 horas? Ele ficou 6 horas o moleque de 11 anos sentado numa poltrona, cheio de soldados militar ali fazendo o trabalho deles ali, mas ele não podendo se mexer, sem saber onde é que tava o pai. E quando eu saí e fui banido, ele não podia entrar. Nós tivemos que voltar. Eu falei para ele: "Cara, aqui onde tu tá em Jericó, até o Jânio É mais ou menos 50, 60 km.

[33:17]

A casa da tua mãe em Perdizes, a casa do teu avô na em Santo André é um pouco mais perto, mas é quase a mesma distância. Tu pode pegar o carro da tua mãe e todo dia para casa do teu avô. Tu nunca vai poder conhecer a casa do teu avô. Tu vai poder talvez conhecer algum dia e tal, mas eu, por exemplo, teu pai nunca vai poder voltar para casa do teu avô. Então, sabe o que que é o direito de ir e vir, o direito à liberdade e tal e essa causa é isso que move todos os brasileiros.

[33:43]

Naquela época ele tinha 11 anos, não entendeu nada, olhou para mim falou: "Qual que é o plano B?" Falei: "Vamos, vamos achar algum lugar para ir, né? Vamos achar uma praia". Enfim, hoje ele entende isso perfeitamente. Hoje ele pode não ser um ativista, mas ele tem isso enraizado. Ninguém mais tira dele. Isso a gente chama de palestinação.

[34:00] Não tem como, cara, porque quando você olha para tua história, sabe que é palestino e sabe o que tá acontecendo lá e isso não despertar em você, não importa se você seja protizado ou não, se não despertar algo em você, algum sentimento, não, não, não tem como./

SON HASAN ZARIF 8

Apesar que acho que o sentimento né, de pertencer a Palestina, ele a gente fala que não tem essa divisão, né? Do palestino de Gaza, do palestino da Cisjordânia, do palestino de 48, do palestino do dos país árabes, do palestino todo não somos palestinos, né?

[36:16]

Então, a gente tem que ter o mesmo sentimento. É óbvio que quem tá lá tá sobre a linha do fogo, né? Tá ali, né, arriscando a morrer a qualquer momento, a gente tá aqui no privilégio. Mas o sentimento de palestinação tem que ser igual, né? É o mesmo. É o mesmo.

TEC - som de música palestina

LOC

- + Eu sou Karolina Monte e esse é o TEMPERO PALESTINO NO Brasil
- + A Patricia El-Moor também explica o que significa a tradição culinária para o povo árabe
- + A locução desse podcast é de Karolina Monte
- + Essa que vos fala também pensou, produziu, roteirizou e editou o episódio
- + O produto final foi entregue como Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
- + A orientação do projeto é do professor Doutor Luciano Barros Maluly
- + A leitura e interpretação dos trechos de livros foram feitas por Douglas Matos
- + Você ouviu nesse programa as músicas Ibn El Balad e Al. naher Al. Khaled
- + Muito obrigada!